

O “sistema dos jornalistas”: notas sobre as práticas coletivas e individuais na defesa da grande reportagem em tempos de servilismo à audiência

The “system of journalists”: notes on collective and individual practices in defense of investigative reporting in times of servility to the audience

Myrian Regina DEL VECCHIO-LIMA¹

José Carlos FERNANDES²

James Klaus MIERS³

Universidade Federal do Paraná

Resumo: As táticas de resistência dos jornalistas, no interior das redações, são práticas à espera de sistematização. Ainda que haja autores ocupados em investigar como os homens e mulheres de imprensa fazem prevalecer os valores da profissão, a literatura especializada, ao tratar dessas relações, ainda recorre à dicotomia “patrão” e “empregado”, dando ao primeiro a primazia no regime de forças. O presente artigo se ocupa de levantar notas iniciais sobre a cultura jornalística da negociação – de modo a manter vigente a horizontalidade das relações entre *publishers*, editores, repórteres e o consumidor de informações.

Palavras-Chave: relações de trabalho; resistência profissional; práticas jornalísticas.

Abstract: Reaction and resistance tactics of journalists – within the newsrooms where they work – are practices waiting for research and systematization. Although authors are busy investigating how the men and women of the press make the values of the profession speak – at the moment these values are threatened – the specialized literature, in dealing with these relations, still uses the dichotomy “boss” and “employee”, giving the “boss” primacy in the regime of forces. This article deals

¹ Jornalista. Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR, com pós-doutoramento em Ciências da Informação e Comunicação pela Universidade Lyon 2, França. Professora do Curso de Comunicação Social e do Curso de Jornalismo da UFPR. Email: myriandel@gmail.com

² Jornalista. Doutor em Estudos Literários pela UFPR. Professor do curso de Comunicação Social e do Curso de Jornalismo da UFPR. Email: zeca@ufpr.br

³ Jornalista. Mestrando em Comunicação na UFPR. Email: James.klausmiers@gmail.com

with initial notes on the journalistic culture of the negotiation – so as to keep the horizontal relations between publishers, editors, reporters and a public

Keywords: work relationships; professional resistance; journalistic practices;

.....

1 Introdução

Há um senso comum de que jornalistas obedecem às ordens dos seus patrões e que a noticiabilidade e a natureza da imprensa seriam definidas por essa relação conflitante. No imaginário, tal convivência se daria de modo passivo, vitimizado, à moda do que acontece numa empresa de linha de produção – uma fábrica de fraldas, por exemplo (BERGER, 2002). Outra crença vigente é de que repórteres estão sujeitos às vontades dos contatos publicitários – cujo poder de veto às publicações desafia a propalada divisão entre “Igreja e Estado” (SANT’ANNA, 2008).

Por fim, há quem afirme que a mitologia da profissão está povoada de histórias de intimidação que jornalistas contam sobre si mesmos, não raro heroicas e solitárias, o que nem sempre resiste à sabatina da realidade (VENANCIO, 2009). São meias verdades, que, em última instância, se prestam a minimizar o processo de produção da notícia, reduzindo-o à lógica industrial e à oposição mecânica entre patrão e operário, em detrimento de considerá-la, sobretudo, uma prática cultural, dotada de batalhas e armistícios (ALSINA, 2009).

Tem-se como premissa que, tão ingênuo quanto defender que os donos do capital não interferem no fazer jornalístico é acreditar que os jornalistas – debaixo de um juramento profissional e de um conjunto de “crenças” que inspiram suas práticas – obedecem às cegas, sem criar defesas, e defesas que se incorporam ao imaginário da profissão, servindo de motor às reações cotidianas.

Os repórteres, em sua maioria, foram afetados pelo advento da cultura crítica, cuja alma é o engajamento político (SCHUDSON, 2010). É possível afirmar que homens e mulheres da imprensa desenvolvem um modo próprio de fazer valer os princípios do jornalismo, em situações adversas, recusando, em diversas instâncias, aos atentados à liberdade de pensar e de dizer (BUCCI, 2013). Tal qual outras categorias, o jornalista cria estratégias para proteger o DNA da sua atividade (BUCCI, 2000), em movimentos de recuo,

ataque e negociação, estratégia sensível que, num processo complexo, opera o que se chama de “acontecimento” (BERGER, 2002).

É curioso o silêncio em torno dessas táticas de resistência – ou “regime de práticas” (MAROCCO, 2011) –, reforçadas nas duas últimas décadas, inclusive, pelo fortalecimento dos princípios do jornalismo cívico ou público (ROSENSTIEL. KOVACH, 2003). Tais práticas existem e são comentadas por jornalistas, mas aparecem de forma tímida nos expedientes acadêmicos, que preferem a explicação de que as regras gerais do mundo do trabalho se aplicam também a uma atividade como o jornalismo. Há um tensionamento evidente entre aspectos éticos e estéticos que ora se confundem ora se automutilam, num jogo que é democrático e horizontal, marcas de nascença da imprensa. Enfim, o jornalismo é um ofício, mas ofício que supõe uma compreensão do mundo que não pode ser ignorada por força de tarefas e metas apenas empresariais (COSTA, 2009).

O presente artigo se propõe a transitar em três proposições, e modo a acenar voos mais altos em investigações posteriores: 1) Levantar que mecanismos de resistência costumam ser acionados nos momentos em que os valores jornalísticos são colocados à prova no cotidiano de uma redação; 2) Captar como o que aqui chamaremos de “sistema de jornalistas” opera num contexto de polarização política, precarização das redações, nova arquitetura da informação, exigências crescentes de trabalho coletivo e imperativo da audiência sobre a influência (TRAVANCAS, 2011; SANT’ANNA, 2008; MOLINA, 2007); 3) Indicar como pautas identificadas com o chamado jornalismo investigativo são validadas e desenvolvidas num ambiente que hoje, em tese, tende a retardá-las (WEBER; COELHO, 2011).

O estudo tem como base revisão bibliográfica, classificadores do termo “sistema de jornalistas” e entrevistas em profundidade (PRIEST, 2011) com seis jornalistas ocupados de fazer valer a pauta investigativa num momento de recuo dessa produção⁴. O objetivo é oferecer bases para o aprofundamento de um tema ainda incipiente e gerar fontes para pesquisas de maior profundidade, de modo a mostrar como elementos próprios da cultura se

⁴ Na primeira metade dos anos 2000, a pesquisadora Beatriz Marocco fez enquete com 269 repórteres do interior do Rio Grande do Sul. Entre os temas de investigação estavam os saberes aprendidos na redação, a censura das chefias, livre expressão e decisões partilhadas entre repórteres e editores, em cuja entrelinha se pode perceber o que chamamos de “sistema dos jornalistas”.

sobrepõem e até alteram determinantes econômicas, políticas e sociais. E como, em outro extremo, a natureza epistemológica da imprensa pode ser afetada por imposições mercadológicas (MARSHALL, 2003; MAROCCO, 2011).

2. Navegação em meio à crise: a premissa da independência e da cultura profissional como motor do “sistema dos jornalistas”

Em países da Europa, como França e Grã-Bretanha, o século XIX assistiu à contestação da utilidade do jornalismo como profissão. Classificou-se os que seguiam tal carreira como oportunistas e difamadores da vida alheia. Ainda hoje termos como “jornalístico” e “repórteres” podem ser usados em sentido pejorativo. Os críticos da imprensa justificam tal posicionamento ao fazer alusão a artigos que exageravam ou superdimensionavam fatos que, aos olhos desses observadores, seriam de pequena relevância – os *faits divers*. Esse quadro foi alterado (TRAQUINA, 2005) com o aprimoramento da apuração e surgimento da grande reportagem, categoria aplicada na cobertura de grandes guerras do século XX. Ao entrar na modernidade, o jornalismo confirma sua inclusão no conceito sociológico de profissão.

Traquina (2005) apresenta os atributos necessários, conforme Greenwood (1957), para que o jornalismo se consolidasse como área profissional reconhecida. Para Greenwood (1957), todas as profissões parecem possuir os seguintes atributos: 1. Teoria sistemática; 2. O sentimento de autoridade por parte dos ‘agentes especializados’; 3. A ratificação da comunidade; 4. Códigos éticos; e 5. A existência de uma cultura profissional. (GREENWOOD *apud* TRAQUINA, 2005, p. 102)

No decorrer da formação do jornalismo moderno, uma premissa se impõe como condição para o exercício do ofício: a independência. Não se trata de um conceito unívoco. Manifesta-se de maneira diversa, contínua e estratégica. No Brasil – mesmo que os princípios éticos estejam em conflito contínuo com as práticas empresariais, com frequência submetidas à pressão dos interesses econômicos e políticos – o primeiro dos dez preceitos de atuação profissional listados no *Código de Ética da Associação Nacional de Jornais* (ANJ) é “manter sua independência” (BUCCI, 2000, p. 56). “O acesso à informação pública é um direito

inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse” (BUCCI, 2000, p. 57).

Em meio às pressões e tensionamentos de ordem política e econômica, o jornalista busca um caminho democrático para informar, e não seria uma bravata dizer que se trata de uma luta diária. De acordo com Rosenstiel e Kovach (2003), é da natureza da profissão estar em estado de alerta com o sistema em que se encontra inserida – à moda de células de defesa. A necessidade de perceber o que acontece em âmbito hiperlocal, regional, nacional e mundial, ou seja, no entorno socioambiental e cultural em que se move a imprensa, é uma demanda inerente, nominada “instinto de percepção” (ROSENSTIEL e KOVACH, 2003, p. 36).

A sociedade organizada busca por meio do relato jornalístico se informar sobre fatos, atualidades e o que acontece em espaços próximos ou distantes. Em situações de quebra de pacto, tal influência exercida pelo jornalismo se torna menos representativa, “esgarçando-se”. Essa ruptura se torna mais traumática em meio à era da informação digital online, quando as notícias eventualmente omitidas pelas mídias tradicionais – omissão movida a interesses ou por falha em mecanismos de checagem – podem ser publicadas por um site, blog partidário ou mídia independente. Considere-se o crescente imediatismo das publicações, aspecto que se acentua em tempos de convergência (JENKINS, 2008).

Em meio a essa liquidez, a relação entre o jornalista e o público se aproxima de limites: a conectividade tecnológica permite a um receptor-emissor o acesso à informação instantânea, o que gera um imediatismo de comentários às notícias, provocando uma permanente fissura no campo jornalístico. A resistência ética não passa impune por esse turbilhão (PORTO, 2002). Mesmo que provado no tempo e assimilado como linguagem, o processo de produção de informações é influenciado e mediado pela organização da empresa em que se insere o jornalista, mas também pela relação editores-jornalistas, a chamada comunidade interpretativa, formada por todos esses agentes (TRAQUINA, 2005).

Um jornalista recém-formado, ao entrar na profissão, insere-se nesse ambiente cultural específico, com regras próprias, valores, rotinas e práticas de produção, recomendações éticas, entre outras características que se “colam” à vida pessoal, para além do expediente. Na maior parte das vezes, uma carreira profissional está investida de uma

missão, e até mesmo de uma devoção, comparável a uma dedicação religiosa severa (TRAQUINA, 2005). Para o jornalista profissional, assim como para o professor, o médico, o artista, o pesquisador científico e muitos outros, o trabalho se torna vida e o lazer às vezes se dilui antes as exigências da profissão.

Os mitos da profissão podem ser diluídos na rotina pesada das redações ou apurações investigativas independentes, mas como é próprio das culturas, resistem. Em sentido metafórico, esses valores tendem a estar tatuados no corpo profissional jornalístico. Representam um caldo de cultura da área profissional, que aqui denominamos “sistema de jornalistas” – e que Marocco (2011) denomina “regime de práticas”. Estas práticas sistematizadas em um ambiente marcado por valores e crenças profissionais “embebem” o jornalista, fazendo com que crie táticas de resistência e alternativas diante de pressões hierárquicas – político-ideológicas ou econômico-comerciais – ou das exigências de audiência, hoje traduzidas em métricas que impactam o jornalismo online.

3 Disrupções e resistência na imprensa pós-industrial

Em meio ao atual cenário tecnológico, no jornalismo pós-industrial, a interação com as fontes de diversas áreas e a capacidade de filtrar e analisar dados são vitais para o jornalismo. As redes sociais beneficiam o jornalismo devido à rapidez na distribuição do conteúdo em diversos espaços, o que Bolter e Grusin chamam de remediação (do inglês, *remediation*); e fidelizam leitores que, além de consumir, passam a compartilhar o material em suas redes sociais, acessando outros compartilhadores, gerando uma reação em cadeia. Mas, da mesma forma que um furo jornalístico compartilhado por *followers* e replicado (*spreaded*) pode proporcionar prestígio ao jornalista, também pode lhe trazer descrédito em caso de um erro grave, potencializando seu efeito (BOLTER e GRUSIN, 2000).

De forma ampla, no jornalismo pós-industrial, as abordagens construcionistas têm como característica enfatizar a relativa autonomia que o jornalista detém no processo organizacional, graças a sua interação com fontes, com a sociedade em geral e com a própria comunidade jornalística. Entretanto, o construcionismo no jornalismo também está sendo revisado. Em tempos em que o cidadão pode participar do processo jornalístico, o *deadline* dos veículos *offline* dá lugar a um fluxo contínuo de produção noticiosa *online*. O consumidor

influencia na pauta, na distribuição e na edição, que pode ser colaborativa; e ocorre a relativização da figura do *gatekeeper*, que analisa o que entra ou não na moldura noticiosa diária. Inaugura-se uma discussão constante, em que se insere o papel do *gatewatcher*, que vigia o que passou “batido” na avalanche de conteúdos que circula na web e pode ser salientado devido ao valor notícia (BRUNS, 2011).

Entendemos que, no meio destas e de várias outras disrupções e metamorfoses que moldam o campo jornalístico contemporâneo, o jornalista profissional flexibiliza seu regime de práticas, mas busca novas formas de resistência e alternativas em suas rotinas para manter os valores de sua missão de investigador da realidade. Para uma aproximação maior com a realidade das redações, buscamos o depoimento de seis jornalistas profissionais com relação às “ameaças” à sua missão e valores e as táticas de resistência praticadas em sua rotina diária.

4 Metodologia para produzir notas sobre sistema de jornalistas

Este trabalho não tem a pretensão de estabelecer um panorama adensado sobre o “sistema de jornalistas”, enquanto instância de resistência cultural e ético-profissional, no cumprimento de sua missão informativo-investigativa. Busca-se aqui produzir algumas notas sobre as práticas coletivas e individuais postas em ação para que certas pautas sejam produzidas, para que determinadas fontes se manifestem ou para manter valores da profissão, entre outros aspectos.

Além de leitura de bibliografia jornalística clássica e atualizada, buscamos entender a operacionalização do “sistema de jornalistas” por meio das seguintes categorias, que constituem situações que ocorrem nas redações atuais e que podem ser entendidas como “ameaças” às boas práticas profissionais: 1) polarização política; 2) precarização das redações; 3) nova arquitetura da informação; 4) imperativo da audiência; 5) exigências de trabalho coletivo.

Para a seleção desses cinco itens, partiu-se da conclusão – com base em observações empíricas – de que a divisão política da sociedade brasileira, por vezes em extremos, impôs percalços à prática jornalística. O universo digital potencializa esse cisma. Se a repartição do mundo em comunismo-capitalismo impunha às redações a escolha de um modelo de mundo (MARCONDES FILHO, 1993), a divisão da sociedade brasileira em lulopetismo e

movimentos da nova direita criam um estado contínuo de sobressaltos, que interferem na condução das pautas.

Esse “campo minado” se estabelece num momento em que se verifica uma diminuição de 40%, em média, do tamanho das redações brasileiras; o que implica acúmulo de trabalho – e novas divisões de tarefas impostas pelo jornalismo online. Exige-se, para tanto, uma multiplicação de competências – a edição de vídeos, por exemplo; e compromissos, por vezes inalcançáveis, com as metas de audiência. Paralelo, a horizontalidade e o trabalho em conjunto – marcas da profissão – ficam ameaçados pela espiral de desempenhos (MARCONDES FILHO, 1993; SODRÉ, 2009).

Para levantar hipóteses e possibilidades para essas indagações, foram feitas três perguntas/questões guarda-chuva (DUARTE. BARROS, 2011), amplas, com espaço para que os entrevistados desenvolvessem aspectos que lhe parecessem mais confortáveis. As entrevistas tiveram entre 40 minutos e uma hora e 30 minutos e foram realizadas na primeira semana de junho de 2019, com condução dos pesquisadores, divididos na maior parte dos encontros.

As questões:

- 1) Quais mecanismos de resistência são acionados quando os valores jornalísticos são colocados à prova no cotidiano das redações?
- 2) Como o “sistema de jornalistas” opera num contexto de polarização política, precarização das redações, nova arquitetura da informação, e imperativo da audiência como medida de publicação de conteúdos?
- 3) Como pautas identificadas com o jornalismo investigativo são validadas e desenvolvidas em ambiente que hoje tende a retardá-las.

A partir destas categorias, buscamos entender se ocorrem, e como ocorrem, as resistências e alternativas por parte do sujeito-jornalista imbuído de conceitos éticos, valores e práticas rotineiras. Para tanto, estabelecemos um contato direto com estes sujeitos profissionais, selecionando, por meio de conhecimento pessoal prévio, seis jornalistas. Eles foram convidados para entrevistas abertas e em profundidade.

Embora a ideia inicial era a de que se pudesse realizar a rodada de entrevistas com todos os jornalistas simultaneamente, de modo a provocar debate, por impossibilidades de horários e datas as entrevistas foram feitas individualmente, mas presencialmente, com cinco profissionais; e uma delas, não presencialmente, por email. Duas jornalistas puderam participar juntas de uma mesma rodada de entrevistas. Dos seis jornalistas, quatro são mulheres; sendo uma mestre em Comunicação; e outra mestranda, ambas professoras universitárias, paralelo a seus trabalhos em redação.

A pedido dos jornalistas (**J**) entrevistados, cada um será tratado por siglas e sem menção direta ao veículo em que atuam ou atuaram.

J1 – atuou na grande imprensa nacional por uma década, como correspondente regional (Paraná). Faixa dos 30 anos.

J2 – é repórter de rádio nacional, em emissora local (Curitiba-PR), tendo passado pela imprensa escrita regional. Faixa dos 40 anos.

J3 – trabalha na imprensa regional (Paraná) e recebeu uma série de prêmios por seu trabalho investigativo. Faixa dos 40 anos.

J4 – é jornalista investigativo veterano em Santa Catarina. Atua na mídia alternativa. Faixa etária dos 60 anos.

J5 – produtor de TV em afiliada de grande emissora nacional, com passagem pela imprensa escrita. Faixa dos 30 anos.

J6 – é jornalista investigativa e atua na mídia independente nacional, tendo passado pela mídia regional escrita. Faixa dos 30 anos.

Após transcritas, as entrevistas foram analisadas a partir das categorias indicadas anteriormente, mas com atenção para a emergência de outros aspectos não previstos no rol de categorias prévias. Para a análise, foi realizada uma interpretação a partir dos trechos das entrevistas que evidenciavam determinadas categorias, trazendo para o trabalho, neste momento, um viés prevalentemente qualitativo. Para facilitar a legibilidade e deixar emergir conceitos, as falas obtidas nas entrevistas foram editadas.

5 Notas para um “sistema de jornalistas”

Nas entrevistas com os seis profissionais de imprensa, identificou-se, logo de início, o entendimento entre eles de um aspecto fartamente realçado por vários teóricos (TRAQUINA, 2005; ALSINA, 2009; BUCCI, 2000; 2013): o de que o jornalismo se constitui como uma cultura e que no âmbito deste campo a experiência profissional é um capital que produz um grande efeito para o acionamento de mecanismos ligados a um “sistema de jornalistas”, de modo a lapidar uma categoria ou classificação.

Para os entrevistados, assim que um jornalista entra na profissão se vê imerso em um ambiente com uma linguagem e *ethos* específicos. A ideia um tanto repetida de que “a redação é uma escola” ganha sentido. Se ali se pode aprender vícios, também se tem acesso ao “superego” da atividade, o qual estabelece limites e práticas recomendáveis, regras de participação, civilidades cotidianas. O elemento mais citado dessa cultura foi a horizontalidade – no sentido de igualdade de editores e repórteres na produção da notícia. É nesse elemento que se estabelece a “resistência”, base do sistema dos jornalistas.

As entrevistadas **J1**, **J2** e **J3** partem do pressuposto da função social do jornalismo – como matriz da cultura. Trata-se de um elemento norteador em momentos de impasse. E destacam o elemento “intuição”, como uma constante no jogo profissional no interior desta cultura. Integrar uma cultura profissional dá ao jornalista elementos para suspeitar de intenções alhures e de encontrar atalhos para que a verdade factual seja praticada.

O trabalho sempre teve muita horizontalidade. E um editor me disse que era bom que eu argumentasse, pois passava segurança do que eu estava propondo. Admirava essa qualidade. O jornalismo me permitiu o mergulho numa cultura. Tinha de encontrar aqui assuntos que interessassem a todo o país. Sou feita das pessoas que entrevistei.
(J1)

Os mais diversos estágios passados dentro das redações são apontados como uma espécie de capital intelectual e emocional, um “escudo” que representa experiência para identificar políticas editoriais que minem, ou ameacem minar o bom jornalismo. Diante de pautas ou orientações que atentem contra os princípios jornalísticos ou que firam o interesse público, a tendência é recorrer a esse capital, em busca de alternativas para realizar investigações mais rigorosas e com apelo social.

Eu me descobri um jornalista investigativo porque a investigação faz parte da minha primeira formação, que é em química. E como químico, investigar é de minha natureza. E o jornalismo não é outra coisa a não ser investigação. A faculdade me ensinou sobre jornalismo, mas a investigação foi um autodidatismo, baseado na vocação investigativa. **(J4)**

As rotinas produtivas diárias também funcionam como elementos que, ao se naturalizar rapidamente no âmbito profissional, permitem entender a lógica e a operacionalização das prioridades informativas:

Tem alguns mistérios na prática jornalística que eu acho muito intrigantes. Todo dia a coisa acontece sem que ninguém precise dizer o que se precisa fazer. Por mais que se tenha um ritual, um roteiro mínimo de pauta, cada um com sua função, não é preciso chegar para o jornalista e dizer ‘Olha, hoje você precisa ligar para suas fontes e dizer isso, isso e isso.’ Quando chegar seis horas, quando chegar tal hora, o repórter precisa ter suas matérias prontas. Não preciso que ninguém me diga que eu preciso desistir de uma pauta fraca porque uma coisa mais forte aconteceu. **(J2)**

Os entrevistados também citam como exemplo para fazer valer pautas mais difíceis de serem “vendidas” internamente, a “procura por pares”– a parceria com jornalistas que pensem como eles:

Eu vim para a redação com um olhar mais crítico. Tenho uma luta interna para ouvir o outro lado de maneira melhor, e não apenas de forma protocolar. Há dificuldade de encontrar pares, mas são essenciais para as grandes reportagens. Preciso encontrar o jornalista que topa fazer uma matéria mais investigativa e que às vezes encontra resistência das chefias. Consegui essa parceria para cobrir um caso de feminicídio. Encontro paz nessas ocasiões. **(J5)**

O aspecto colaborativo entre pares resiste mesmo que a lenda reze haver concorrência feroz entre colegas da profissão. Ocorre que o jornalismo é uma atividade que, ao longo do tempo, apresenta aspectos coletivos, pela parceria de colegas repórteres ou mesmo equipes, em especial nas atividades investigativas de maior fôlego. Tal aspecto floresce, mais recentemente, no chamado jornalismo de dados, no qual equipes de jornalistas precisam trabalhar juntos.

Os seis jornalistas entrevistados relataram estratégias para proteger a profissão, em momentos de autoritarismo no interior das redações. Muito deste autoritarismo decorre em épocas de polarização política ou de entrechoques ideológicos com reflexos em aspectos da economia e da política que interfiram nos interesses comerciais das empresas jornalísticas. As

táticas para transpor estas barreiras passam por abordagem direta dos editores, acordos com amigos, uso de entrelinhas nas matérias, negociações e até práticas que poderiam ser chamadas de guerrilha.

Em relação às forças que permitem a publicação ou não de uma notícia, as jornalistas **J2** e **J3** afirmam que há um controle externo em alguns casos específicos, mas há formas de superar tal agência externa: “Quando um assunto era muito bombástico, o editor não fazia a chamada na capa”, conta **J3**, sobre o jornal do interior em que trabalhou no início de carreira. Tratava-se de uma situação antiética, pois o editor exercia a função de funcionário da prefeitura: “Quando eu acreditava muito numa matéria, esperava ele ir embora e muitas vezes jogava uma chamada de capa mais fraca do que a matéria interna.” A estratégia funcionava, pois passava despercebido pelos fechadores da edição. Para a jornalista, essa experiência a forjou como profissional questionadora.

Sobre os valores do jornalismo, em especial aqueles ligados ao seu papel como fiscalização do poder público, **J2** relata uma mudança de sua postura que busca um olhar de alcance social mais amplo. Para a profissional, os anos de trabalho e a convivência com diferentes realidades trouxeram amadurecimento e a fizeram refletir sobre as decorrências do denunciamento, em especial nos casos de desproporcionalidade entre o poder da imprensa e a gravidade do fato em si: “Isso aqui é um canhão, se a gente mirar numa formiguinha, não é justo”, diz.

Eu tinha uma postura muito mais de fiscalização do poder público achando que esse era o meu principal mote. Hoje eu olho mais para a lógica da construção social. Pergunto que desenvolvimento vou levar com essa matéria, no que ela muda uma realidade para melhor numa perspectiva de desenvolvimento da sociedade e de como ela pode ser desenvolvida a partir do jornalismo. (**J2**)

A resistência, às vezes, quando o não cumprimento da pauta é impossível, também pode emergir por meio de aspectos técnicos da produção do texto, como a angulação, conforme conta **J1**.

Havia momentos em que o jornal não era adulto. Eu desligava o telefone e chorava [ao receber a pauta]. Acontecia de eu receber uma pauta fuleira. Mas a minha resistência vinha da angulação. Às vezes, a gente tem de fazer porque um assunto [desimportante do ponto de vista jornalístico] importa para o público, ou porque deu repercussão. Podia acontecer de eu pedir para não fazer. Ou fazer propondo um ponto de vista que julgasse mais relevante. **(J1)**

Para brigar por uma pauta é necessário provar que esta se encaixa no editorial por uma angulação diferente: “Eu vou costurando uma forma até eu conseguir encaixar uma pauta que eu considere ter um valor caro”. O diálogo aberto é muitas vezes uma das armas de resistência oficial para fazer valer uma pauta ou uma determinada angulação:

O repórter reclama demais do editor e o faz com razão. Porque o editor muitas vezes não está conectado com a rua, tem uma visão panorâmica dos fatos. Há uma dissonância. Nisso surge uma resistência. Uma força para fazer valer o que é relevante. Sempre tive um diálogo franco com os editores. Essa relação me permitiu negociar. **(J1)**

A entrevistada **J6** – cujo depoimento foi recolhido por email – comunga de percepções semelhantes às dos outros jornalistas da enquete, relacionadas à participação em uma cultura, com aprendizado pela interação com colegas, e capacidade de negociação em momentos mais sensíveis. Mas deixa entender que em inícios de carreira teve baixa resiliência, o que lhe trouxe punições. “Hoje acho que poderia ter feito muito mais”, observa, referindo-se a adotar a regra do jogo. Ela se refere ao fato de que em sua curta, porém expressiva, carreira teve textos “navalhados” ao citar políticos influentes, um pedido de demissão por indignação e uma demissão a pedidos por pressão de políticos junto à empresa na qual trabalhava. Num momento mais dramático, foi alertada de que corria riscos e que deveria sair da cidade onde residia. “Eu fui me isolando”, comenta.

Comecei no jornalismo logo depois dos Diários Secretos⁵, então peguei o “boom” da valorização de jornalismo investigativo como indicativo de credibilidade do veículo. Foi um momento fértil e próspero. Aos poucos, como uma parábola, esse sentimento foi decaindo naturalmente. [Depois de uma matéria investigativa], uma editora me disse para ter cuidado, se possível sair da cidade, porque poderia haver uma batida policial e iriam encontrar droga comigo. Entendi como uma ameaça (que nunca se concretizou). Nesses casos, a “rebeldia” que eu tentava fazer para que as matérias que considerava importantes saíssem era bater de frente com os editores (hoje já não sei se é uma coisa boa). Muitos colegas preferiam ter mais paciência, perder num dia pra ganhar no outro. Hoje acho que poderia ter feito muito mais se tivesse seguido esses conselhos. Mas também não me arrependo da minha trajetória. Eu tentava mostrar aos editores que os assuntos eram muito importantes, que mereciam receber luz, e colocava pressão. Alguns colegas me apoiavam, mas era um apoio mais por baixo dos panos do que público. Acho que fui me isolando. (J6)

Uma das matérias que geraram a perseguição à jornalista no circuito local saiu em veículo da imprensa nacional. A profissional de fato saiu da cidade, e hoje diz enfrentar desafios diferentes dos típicos da imprensa regional – a exemplo das agressões diretas de grupos políticos.

Sentimos muita pressão de pessoas que nos odeiam de um jeito que nunca tinha visto antes [...]. Talvez essa seja a maior pressão que sinto agora. É foda receber ameaças, gente falando que quer meter um tiro na minha cara, ver meus colegas andando com segurança. [...] Nesse ponto, a pressão é descentralizada, não tem um inimigo nomeado, mas do mesmo jeito é no sentido de nos tirar do trabalho, desmotivar, nos destruir. Mudam os meios, permanece a finalidade. No fundo, a barreira causada por editores ou outras formas de chefias apenas reproduz a pressão dos poderosos que não querem que certas mensagens sejam passadas. (J6)

Para parte dos entrevistados, não é possível comprar todas as brigas cotidianas numa redação, dentre as que envolvem imposição de pautas ou pautas com angulação entendida como equivocada. Alguns admitem que em determinados momentos da carreira se prontificavam para todos os embates, mas que essa atitude os deixavam marcados. Entendem que a melhor estratégia é “gastar energia” com assuntos de impacto social. Em relação às discordâncias de reportagens dentro do próprio jornal, J2 afirma que prefere resolver internamente, mas sabe que algumas pessoas optam por externalizar o conflito levando o

⁵ Série de reportagens da Rede Paranaense de Comunicação (RPC) sobre corrupção na Assembleia Legislativa do Paraná (ALP), publicadas a partir de 2010.

assunto para a esfera pública, inclusive em redes sociais. Para a entrevistada **J3**, não há como não se envolver ideologicamente com a pauta:

Eu acho que eu sou muito combativa e apaixonada na minha vida particular. No jornalismo, tento dar uma controlada até para dar discernimento em relação às coisas. Acho que é algo que se vai construindo com a maturidade, com o tempo, porque teu perfil muda, porque você vira uma pessoa mais madura, não é possível não mudar. (**J3**)

A entrevistada **J3** ressalta que o que não muda é a necessidade de encontrar na pauta a função social do jornalismo, de contar histórias a partir do olhar dos personagens. Para ela, o valor está em mostrar o que não é mostrado, dar voz a essas pessoas que não encontram respaldo em outros meios. Essa idealização, segundo as entrevistadas **J2 e J3**, é uma forma de resistência a um sistema que nem sempre prioriza valores jornalísticos.

Eu não reajo a tudo. Eu não consigo reagir ao que é um dogma da empresa. Mas compenso com outras matérias, que sugiro. Tenho mostrado defasagem de salário, falhas na reforma de previdência, sempre tentando não vincular ... Eu me guardo para brigar por algumas matérias. (**J5**)

A *checagem* continua sendo um dos principais valores para as entrevistadas mesmo se a concorrência já tiver dado a informação: “Esse cuidado é extremo e tem que manter essa serenidade, e não é sempre. Nós cometemos muitos pecados” (**J3**). A *consulta informal entre profissionais* dentro da empresa é uma prática comum e objetiva checar a informação e garantir o controle editorial. Parcerias redundam em resistência, pois aumentam a pressão. “Eu lembro de ter sido procurada e de ter procurado colegas para conversar tanto antes quanto depois das publicações” (**J3**).

Nesse sentido, afirma que a experiência dos colegas de trabalho é muito importante para o conjunto, pois estas pessoas mais experientes se tornam consultoras e até mesmo referências de jornalismo. “Saber como os mais velhos se comportam diante das crises inspiram outras pessoas, não tem jeito” (**J3**). Mas o que se vê na atualidade são redações cada vez mais enxutas e renovadas, com colegas de trabalho jovens e pouco experientes, o que torna esta precarização nas redações profissionais um dos aspectos mais sensíveis que podem levar à fragilidade do “sistema jornalístico”.

Velocidade, instantaneidade, interação do leitor, dentre outras marcas do chamado jornalismo digital, são apontados, por alguns autores, como práticas que minam a resistência do jornalismo no interior das redações. Há menos tempo para debate, pactuações, aliado à menor quantidade de profissionais, em meio a um sem número de tarefas e proliferação de pautas – efeito da hibridização do *hard news* e *soft news* (BUTTONI, 1999).

No geral, os seis entrevistados se mostram pessimistas ao falar da capacidade de mobilização pela notícia em meio às estruturas de trabalho nas redações – “a maior parte dos jornalistas não briga mais” (J5); “os jornalistas são uma onda, o sistema nem sempre reage” (J1).

A grande verdade é que o jornalismo no Brasil está a serviço de interesses políticos e ou econômicos e ou religiosos. Isso está ficando muito forte agora. Os interesses religiosos dentro da comunicação levam a esse caos que está hoje dentro do Brasil. A comunicação está totalmente desacreditada. O jornalista tem que fazer aquilo que o dono decide ou, aquilo que os seus acionistas majoritários decidem. (J4)

Aponta-se, contudo, que há um aprendizado em curso. As entrevistadas J2 e J3 destacam o compromisso com a verdade na hora de publicar matérias em plataformas online, modalidade que muda a rotina das redações e, por extensão, a relação entre os jornalistas:

Você está numa disputa que às vezes é injusta. Faz o título correto e concorre com a galera que faz título que dá mais acesso e compartilhamento, porque está com o título impreciso. Na era digital estamos enfrentando uma dificuldade que quando eu comecei não havia. (J3)

Descobriram que o público quer consumir jornalismo rápido. Se não tem fatos, ou um fato, enche-se a grade de boletins rápidos, que mantém o espectador ligado. Conseguiu-se com isso reduzir o impacto da internet. O espectador tem a impressão de que está consumindo em tempo real. Tenho muito isso de fazer daqui um espaço de resistência. E acho que se eu sair, outra pessoa menos experiente talvez não faça o mesmo. Temos de fazer quase 20 pautas por dia, num grupo de meia dúzia de produtores. Para que algo de relevante vingue, fecho essa grade com pautas pequenas, rápidas, incluindo pautas maiores e mais aprofundadas. Fazemos suítes. Encho os olhos do patrão e paralelo faço uma matéria legal. (J5)

É fácil anular a personalidade do repórter [na ordem digital]. Cada vez menos gente, cada vez mais assunto, cada vez mais velocidade. Cada vez mais escrutínio público. Tinha coisas que não me faziam dormir, como receber mensagem nas redes sociais ofensivas, receber negação na rua. Não gosto muito desse tipo de confronto. Muitas vezes eu me retirei de pautas porque não estava emocionalmente preparada [para as reações do público]. Tudo padeceu [com a velocidade nas redações], não só o jornalismo investigativo. O tempo virou o maior problema, pois nos faz pensar menos. No frígido dos ovos, produzir conteúdo relevante nesse contexto vai fazer a diferença. (J1)

Em resumo, a contar pelas falas aqui registradas, o campo de incertezas que ronda o jornalismo se reflete numa certa indefinição em relação à resistência dos profissionais de imprensa. A cultura é identificada, mas se encontra sensível e indefinida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expressão “sistema dos jornalistas” – nesses termos – não é usual entre os entrevistados para este artigo. Mas a ideia que contém, sim. Não causa impressão a nenhum deles a afirmativa de que, no interior das redações, formem-se táticas de “guerrilha editorial” e de “resistência cultural”, de modo a proteger o DNA da profissão. Mas, longe dos maniqueísmos habituais, que simplificam as relações hierárquicas, reduzindo-as à lógica do capital, os participantes da enquete rejeitam a ideia da obediência passiva.

Nesse sentido, as expectativas dos autores, ao iniciarem o trabalho, se mostraram satisfeitas. O “sistema de jornalistas”, ainda que não nominado, é identificado e há indicações de que se move de forma racional e estruturada. Paralelo, contudo, os entrevistados externam temores quanto ao futuro dessas práticas sistemáticas de reação – mesmo que incorporadas culturalmente às lides jornalísticas. A nova ordem digital se mostra apta a minar os microcosmos instalados nas redações – pela maneira como promove a cobertura individual, anônima, com baixa interação interna e externa.

A contar pelo conjunto de expedientes próprios do jornalismo digital, a ação ora orquestrada, ora intuitiva, ora movida pelo imaginário – para citar três possibilidades ventiladas ao longo da investigação – se mostra a perigo. É como se o “sistema de jornalistas” corresse o risco de se tornar um elemento arqueológico, sem força para se impor em redações excessivamente rejuvenescidas, exauridas e esmagadas pela produção de informação em escala industrial, à sombra da checagem e, por consequência, da investigação.

Referências bibliográficas

- ADGHIRNI, Zelia Leal. Rotinas produtivas do jornalismo em Brasília. In MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2.ª edição- Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- ALSINA, Miquel R. **A construção da notícia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.
- BERGER, Christa. Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio D. **O jornal: da forma ao sentido**. 2.ª Ed. Brasília: Ed. UnB, 2002.
- BOLTER, Jay David. GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. Cambridge: MIT Press, 2000.
- BRUNS, Axel. **Gatekeeping, gatwatching: realimentação em tempo real**. São Paulo: SBPJor, 2011. Acesso: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/750/570>
- BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever da liberdade**. 2.ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BUITONI, Dulcília. Entre o consumo rápido e a permanência: jornalismo de arte e cultura. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Outras leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagens interagentes**. São Paulo: Ed. Senac/Itaú Cultural, 1999.
- COSTA. Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ª Ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2008.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo: Scritt, 1993.
- MAROCCO, Beatriz. O saber que circula nas redações e os procedimentos de controle discursivo. In: SILVA, KÜNSCH, BERGER, ALBUQUERQUE (orgs.). **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Salvador, Brasília: Edufba/Compós, 2011.
- MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Ed. Summus, 2003.
- MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.
- MOLINA, Matías M. **Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional**. São Paulo: Ed. Globo, 2007.
- PRIEST, Susanna H. **Pesquisa de mídia: introdução**. 2.ª Ed. Porto Alegre: Ed. Penso, 2011.
- ROSENSTIEL, T. KOVACH, B. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

SANT'ANNA, Lourival. **O destino do jornal:** a Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2008.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia:** uma história social dos jornais nos EUA. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** porque as notícias são como são. 2.^a ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas.** 4.^a Ed. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

VENÂNCIO, Rafael D. O. **Jornalismo e linha editorial:** construção das notícias na imprensa partidária e comercial. Rio de Janeiro: Ed. E-papers, 2009.

WEBER, Maria H. COELHO, Marja P. Entre jornalismo e poderes. In: SILVA, KÜNSCH, BERGER, ALBUQUERQUE (orgs). **Jornalismo contemporâneo:** figurações, impasses e perspectivas. Salvador, Brasília: Edufba/Compós, 2011.